

Comunicação apresentada no painel temático sobre “Sobre Etnografia”  
no III Congresso Português de Antropologia. Lisboa, ISCTE/ICS, Abril de 2006.

## **Perplexidades de um sociólogo aprendiz de Antropologia Social**

*Telmo H. Caria*

### 1. Intenções

Em 1988 e em 1992 realizaram-se os dois primeiros Congresso de Sociologia na Fundação Gulbenkian em Lisboa. Neles tiveram lugar de destaque duas mesas redondas nas quais tomaram a palavra vários cientistas sociais, não sociólogos, que falaram demoradamente sobre o que tinham aprendido com a Sociologia para melhor saberem investigar em CS. Na altura constatei que a abordagem era muito benéfica para o ego dos sociólogos (incluindo o meu), porque os discursos eram tendencialmente muito elogiosos sobre as qualidades da Sociologia para complementar ou mesmo suplantar outras CS. Muitos destes autores são hoje assumidamente sociólogos.

Passados mais de 10 anos nunca verifiquei num Congresso de Sociologia fazer-se o inverso: falar-se das limitações da Sociologia relativamente a outras CS, procurando introduzir um discurso crítico sobre a Sociologia em Portugal. Noutros escritos, abordei este tema, introduzindo considerações de diversos tipos, que em geral são autocríticas da minha cultura sociológica, tirando partido entre outras das minhas aprendizagens em Antropologia.

Não irei nesta comunicação repetir o que fiz noutros lugares. Irei, pelo contrário, fazer aquilo que gostaria que os colegas de outras CS tivessem feito nos Congressos de Sociologia. Trago algumas breves contribuições críticas da Sociologia para a reflexão em Antropologia em Portugal. Pretendo, no entanto, apenas limitar-me a uma visão que resulta do meu percurso de aprendizagem entre estas duas disciplinas e que, simultaneamente, procura respeitar alguns princípios do método antropológico, de modo a que as minhas curtas palavras, aqui, possam constituir uma contribuição interessante para a reflexão entre antropólogos.

### 2. Tema

A abordagem que passarei de seguida a desenvolver organiza-se em torno da seguinte pergunta: quais as tensões e conflitos que detectei existirem entre a cultura científica da Sociologia em Portugal, na qual fui socializado, e a cultura científica da Antropologia em Portugal pela qual me senti “adoptado”. Trata-se de uma abordagem muito

semelhante à estratégia e atitude que encontramos na investigação etnográfica: alguém que vem de uma cultura de pertença diferente, que imerge numa cultura de adopção durante um tempo prolongado, na qual é observador e participante, e que em consequência desenvolve um discurso entre culturas, neste caso nas fronteiras destas duas disciplinas científicas. Espero por isso que este discurso seja reconhecido pela Sociologia como válido (aqui não é possível fazer um juízo sobre esta pretensão) e ao mesmo tempo que os antropólogos se reconheçam neste discurso – especialmente aqueles que mais questionam a sua identidade científica de antropólogos. Repare-se que neste propósito não me centro na prática da escrita que pode ser reconhecida pelas duas comunidades científicas como legítima em cada um dos campos científicos. Centro-me (tal como consta da pergunta) no terreno; não no terreno real e total onde fiz etnografias, mas sim na construção sócio-cognitiva de terreno que fiz na minha mente de cientista social e que se expressa, como dizia, em tensões e conflitos entre as culturas científicas em que participo.

### 3. A realidade e a representação

O primeiro tópico de conflito está naquilo que na linguagem sociológica é descrito como concepção empiricista de ciência. Dentro da lógica sociológica os objectos de investigação não são a realidade tal qual ela existe. A realidade não fala por si porque precisa de teoria para responder a perguntas. Esta visão construtivista de ciência parece ser facilmente aceite por qualquer antropólogo no plano da descrição factual, mas estes (você) ao mesmo tempo, em muitos casos, retiram uma conclusão, que para a cultura sociológica é um absurdo: a de que não há realidade e que, portanto, todo o estudo cultural é apenas interpretação e texto e nunca realidade explicada.

Mesmo recusando as posições epistemológicas mais extremistas de ambas as culturas disciplinares — o extremo da visão racionalista do sociólogo que cai no teorismo, em que apenas vê e explica o que a teoria já conhece; ou o extremo do anti-realismo antropológico que pressupõe que só há ciência positivista —, dizia, mesmo recusando as posições epistemológicas mais extremistas de ambas as culturas, parece-me ser comum a ambas as culturas a desvalorização do terreno como produtor de conhecimento, partindo do pressuposto que só se está a produzir conhecimento quando se escreve ou quando essa escrita é para a comunidade científica ouvir e ler.

Com este comentário não pretendo, como alguns manuais de investigação sobre etnografia fazem, regressar a uma concepção indutivista de ciência, na qual os factos por si só produzem conhecimento. Trata-se antes de ver o terreno como produtor de

conhecimento porque ele cria-nos conflitos sócio-cognitivos, isto é, tensões e contradições (quebras de sentido) entre o que o investigador esperava encontrar (com relevância teórica) e o que encontra. Estas quebras de sentido geram construção de conhecimento, expressa no diário de campo ou simplesmente na memória de acção do etnógrafo. Componentes da etnografia social que nem sempre se reconhece legitimidade, dado geralmente não fazer parte do conteúdo das teses e artigos de maior relevância teórica.

Há pois que não confundir a memória da acção e escrita-reflexiva relativa à etnografia, resultante das quebras de sentido na interacção social com o terreno, com a escrita-produto, destinada a conceder poder científico e a ser reconhecida com valor simbólico no campo das Ciências Sociais. A primeira dá conta da construção social e teórica dos cientistas: a produção de uma cultura científica. A segunda da produção teórica e social de uma disciplina: a produção de um campo científico). A primeira dará conta, ainda, da reflexividade interactiva dos agentes na actividade científica para se produzirem e reproduzem como etnógrafos sociais. A segunda dá conta da reflexividade institucional do especialista, destinada a evidenciar o poder simbólico que possui na sociedade.

Penso que não exploramos suficientemente, na consciência e na escrita científico-etnográfica, a reflexividade interactiva decorrente das quebras de sentido que referimos. Como conclusão geral, sujeita a discussão, diria que me parece que a investigação etnográfica se desdobra em três planos: o de experiência etnográfica de terreno não escrita; o da experiência etnográfica escrita não legítima; o texto antropológico, enquanto escrita etnográfica legítima.

#### 4. O poder

Chegados aqui podemos passar ao segundo tópico das minhas tensões e conflitos no diálogo entre a Sociologia e a Antropologia em Portugal: o tópico do poder. Alguns de vós estarão a pensar que a distinção que fiz atrás entre experiência etnográfica e texto antropológico, isto é, entre produção de uma cultura científica e produção de um campo científico, poderá levar a supor que uma contém poder e outra não. Não é verdade: os três planos que identifiquei na investigação etnográfica evidenciam poder simbólico, embora não o manifestem de igual modo e com as mesmas consequências.

Dentro da lógica do pensamento sociológico em que fui socializado a investigação nunca foi considerada como socialmente neutra, portanto nunca foi pensada como podendo não ter poder. Pelo contrário, a visão racionalista da Sociologia supõe que a

ciência traz uma visão crítica sobre o existente, sendo por isso assumidamente um poder crítico face a outros poderes na sociedade.

Os antropólogos parecem nunca terem partilhado, e ainda bem, esta ideia de neutralidade científica e parecem aceitar facilmente que a ciência trouxe um elemento crítico importante que permitiu combater as várias formas de colonialismo, mas ao mesmo tempo parecem muito desencantados por, afinal, exercerem poder através da experiência e da escrita etnográfica. Correndo o risco de me chamarem provocador direi que tal desencantamento só pode ocorrer na cabeça daqueles que imaginaram a possibilidade de haver uma ciência sem poder ou de uma razão científica pura.

Mas importa não esquecer que há várias formas de exercer o poder científico e isso não é irrelevante para o uso social da CS. Na minha cultura sociológica o exercício do poder científico é acompanhado da produção de um conhecimento que excluiu o conhecimento comum “do outro”. Esta visão racionalista é fruto de um poder arrogante, que quer ter o exclusivo da verdade: as outras formas de conhecer não são conhecimento válido. Ora é justamente a Antropologia que melhor soube relativizar a arrogância do homem ocidental, porque mostrou que a cultura ocidental tinha que saber dialogar com “o outro” e que, para isso poder ser realizável, não podia aspirar a ter o monopólio do conhecimento. Aparentemente este modo de construção de conhecimento levou a criar a ilusão (muito criticada em Antropologia) de que a informalização das relações de poder (a designada intersubjectividade) poderia ser um espaço social de não poder. Mas criticar a ilusão é uma coisa e retirar deste facto a consequência de que o exercício de um certo tipo de poder seria incompatível com o ideal de ciência, parece ser, para um sociólogo aprendiz da Antropologia, uma ideia absurda.

Designar como absurdo algo, denuncia o meu etnocentrismo de sociólogo, tratando-se aqui de uma simplificação que carece de tempo para melhor ser relativizada, pois trata-se de uma fase necessária ao entendimento da cultura do antropólogo.

O que visio, no momento, no fundamental, com mais este tópico para debate é o de convidar os nativos deste Congresso, os antropólogos, a deter-se com mais detalhe e reflexividade nas operações sócio-cognitivas que no terreno ocorrem para lidar com relações de poder e saber actuar face a elas. Propósito que decorre do facto de considerar que descrever e tipificar os processos de interacção, de entrada, de aceitação e adopção do investigador por um grupo social, e os conflitos emocionais que de parte a parte ocorrem, é essencial à fenomenologia da prática etnográfica, mas não é suficiente

para a análise do poder na prática científica da etnografia social. A emigração para um registo antropológico-literário não me parece que resolva ou evite este problema.

#### 4. Perguntas

O sentido das propostas que tenho feito sobre a prática e a teoria da investigação etnográfica (que aqui não referi) pretendem superar estas perplexidades (e outras que não referi), entre as diferentes tradições em CS e utilizar o património de ambas as disciplinas para interrogar e melhor tratar os processos sócio-cognitivos que permitem produzir cultura científica e por essa via ensiná-la e inculcá-la nos mais novos.

Vou concluir com a seguinte pergunta:

O que posso antecipar sobre as vossas possíveis reacções a estas palavras?

Vejamos três hipóteses:

1. uma será dizer que se não reconhecem neste discurso, porque os problemas quotidianos que se colocam na vossa actividade científica não se reportam aos aqui enunciados;
2. outra seria dizer que este discurso é velho, está envelhecido, falo de uma problemática que influenciou a minha geração, mas que já não tem relevância para a nova geração de cientistas sociais;
3. a terceira é mais optimista, porque será aquela que levará os presentes a dizer que no fundamental se reconhecem meu discurso de sociólogo.

No caso da terceira hipótese ter mais apoios, isso quererá dizer que as minhas perplexidades são, afinal, de um antropólogo e não de um sociólogo? Ou quererá dizer que os antropólogos em Portugal foram aculturados pela (pelo poder da) Sociologia? Ou simplesmente quererá dizer que o discurso sobre a epistemologia da etnografia social é um conhecimento transcultural que atravessa diversos campos científicos diversos e “aglutina” culturas científicas? Estas são perguntas que deixarei para debate dos presentes.

#### **Bibliografia mais relevante do autor sobre investigação etnográfica**

CARIA, Telmo H. (1995), “Prática e aprendizagem da investigação sociológica no estudo etnográfico numa escola básica 2.3.”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº41, pp.35-62.

CARIA, Telmo H. (1997), “Leitura sociológica de uma experiência de investigação etnográfica”, *Sociologia — problemas e práticas*, nº25, pp.125-138.

CARIA, Telmo H. (1998), "As estratégias antropológicas de investigação como meios para relativizar os etocentrismos do investigador", in *VIII Seminário de Investigação em Educação Matemática*. Figueira da Foz, Associação de Professores de Matemática, pp.111-120.

CARIA, Telmo H. (1999), "A reflexividade e a objectivação do olhar sociológico na investigação etnográfica", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº55, pp. 5-36.

CARIA, Telmo H. (2000), *A Cultura Profissional dos Professores — o uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia [versão actualizada e revista da tese de doutoramento em Sociologia da Educação defendida em 1997].

CARIA, Telmo H. (2001), "O conceito de cultura aplicado à análise dos grupos profissionais - interrogações e comentário", *Educação, Sociedade e Culturas*, nº15, pp.199-204 [Comentário crítico ao artigo de Jorge A. Lima (2000), publicado no nº13 da mesma revista].

CARIA, Telmo H. (2002), "Da estrutura prática à conjuntura interactiva: relendo o esboço de uma teoria da prática de Pierre Bourdieu", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº64, pp.135-143.

CARIA, Telmo H. (2002) (org.), *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento.

CARIA, Telmo H. (2002), "A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras", in *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento, pp.9-20.

CARIA, Telmo H. (2004), "O efeito de um terreno com professores na teoria e na formação do etnógrafo". Comunicação ao painel temático "O etnógrafo: um profissional reflexivo" na *I Reunion Científica Internacional sobre Etnografía y Educacion*. Centro de Estudios Universitarios - Universidad de Castilla-La Mancha, Talavera de la Reina [Espanha] (<http://home.utad.pt/~tcaria/etnografias/etnografias.html>)